

UTILIZAÇÃO DE PLANTAS REPELENTES E DE BIOINSETICIDA PARA O CONTROLE DE INSETOS NA ALFACE¹

Ester Mafalda Matter², Jaqueline Piesanti Sangiovo³, Guilherme Mallmann⁴.

¹ EXPERIÊNCIA DE ESCOLA

² Aluna: Ester Mafalda Matter

³ Aluna: Jaqueline Piesanti Sangiovo

⁴ Professor: Guilherme Mallmann

Resumo

O objetivo é verificar a viabilidade da utilização de hortelã, tagete e manjeriço como plantas repelentes e de bioinseticida para o controle de insetos na alface. O tratamento 1 (T1) consistiu na testemunha, no T2 será utilizado apenas tagete como planta repelente, no T3 será utilizado hortelã como planta repelente, e no T4 aplicação de 500 mL do bioinseticida sem plantas repelentes. Não há resultados até o momento, pois o trabalho encontra-se em andamento.

Palavra-chave: pragas, controle biológico, hortaliças, plantas repelentes

Introdução

A alface é uma cultura plantada e consumida em todo o território brasileiro, não obstante as diferenças climáticas e os hábitos de consumo (COSTA; SALA, 2005). Por esta razão, é uma das hortaliças mais cultivadas em hortas domésticas. Como sua vida pós-colheita é curta, normalmente as zonas produtoras concentram-se perto de áreas metropolitanas, os chamados “cinturões-verdes”. Durante o inverno, nas regiões Sul e Sudeste são cultivadas alfaces importadas adaptadas ao clima mais frio, enquanto nas demais regiões predominam as alfaces de verão. De um modo geral, as cultivares de verão tendem a apresentar atributos de qualidade inferiores, como um número menor de folhas e cabeças menos compactadas. Como a alface é originária de regiões de clima temperado, existe uma dificuldade adicional em se desenvolver novas cultivares para climas tropicais (HENZ; SUINAGA, 2009).

Na década de 1990, observou-se uma mudança na tendência no mercado consumidor de alface no país, que foi a elevação na demanda de variedades do tipo “americana”. Este aumento pode ser justificado por dois motivos: (a) elevação no poder aquisitivo do consumidor; (b) crescimento do número de estabelecimentos do tipo fast food (SALA; COSTA, 2012). A alface americana se diferencia dos demais grupos por apresentar folhas externas de coloração verde-escura; folhas internas de coloração creme ou branca; crocância e formação de um aglomerado (cabeça) de folhas semelhantes às do repolho (MOTA et al. 2003).

No entanto, a cultura da alface sofre o ataque de diversas pragas que danificam suas folhas prejudicando intensamente a qualidade do produto. Dentre as pragas que causam maiores danos à cultura destacam-se o pulgão (*Metopolophium dirhodum*) e a lagarta rosca (*Agrotis ipsilon*). O manejo dessas pragas pode ser realizado através do uso de produtos químicos e/ou através do controle biológico e cultural.

Em vista disso, o objetivo deste trabalho é verificar a viabilidade da utilização de hortelã, tagete e manjeriço como plantas repelentes e o uso de bioinseticida para o controle de insetos na cultura da alface americana.

Material e Métodos

O trabalho está sendo realizado na Escola Fazenda do IMEAB localizada no município de Ijuí-RS.

Modalidade do trabalho: Relatório Técnico-científico

O experimento foi implantado em estufa com a utilização de mudas de alface americana, distribuídas em três canteiros, com dimensão de 2m x 1m. O tratamento 1 consistirá no tratamento testemunha, sem utilização de plantas repelentes e bioinseticida, no tratamento 2 será utilizado apenas tagete como planta repelente, no tratamento 3 será utilizado hortelã como planta repelente sem o uso de bioinseticida, e no tratamento 4 será aplicado 500 mL do bioinseticida sem a utilização das plantas repelentes. Cada tratamento será composto por quatro repetições.

As plantas que foram utilizadas como repelentes são: Hortelã, e tagete. Estas foram dispostas ao redor dos canteiros da alface.

A produção do bioinseticida consistirá na utilização de 100g de sabão neutro, 100g de pimenta malagueta, 3 dentes de alho e 500 mL de álcool. Todos estes ingredientes serão misturados e batidos no liquidificador, até formar uma mistura homogênea. Após homogeneizado, o produto poderá ser pulverizado sobre a alface, com o auxílio de um borrifador manual.

Como o experimento ainda encontra-se em andamento, o bioinseticida será aplicado logo após o transplante da alface, e a dose a ser pulverizada será de 500 mL, no intervalo de 15 dias até os 15 dias que antecedem a colheita.

A avaliação será realizada através da comparação de médias dos diferentes tratamentos testados quanto a porcentagem de área foliar danificada pelos insetos.

Resultados e Discussão

O trabalho encontra-se em execução, na fase de plantio das mudas de alface. Estima-se que os dados serão coletados no final do mês de agosto e início de setembro.

Referências Bibliográficas

COSTA, C. P.; SALA, F. C. A evolução da alfacicultura brasileira. Horticultura Brasileira, Brasília, DF, v. 23, n. 1, 2005.

HENZ, G. P.; SUINAGA, F. Tipos de alface cultivados no Brasil. Brasília, DF: Embrapa Hortaliças, 2009. (Embrapa Hortaliças. Comunicado Técnico, 75).

MOTA, J.H.; YURI, J.E.; FREITAS, S.A.C.; RODRIGUES JUNIOR, J.C.; RESENDE, G.M.; SOUZA, R.J. Avaliação de cultivares de alface americana durante o verão em Santana da Vargem, MG. Horticultura Brasileira, v. 21, p.234-237, 2003.

SALA, F.C.; COSTA, C.P. Retrospectiva e tendência da alfacicultura brasileira. Horticultura Brasileira, v.30, p.187-194, 2012.